

Agonia de um rio marcado para morrer

Matéria que saiu no Jornal Contra PONTO – PB Março de 2009

Os rios sempre foram responsáveis pela agregação de animais e, conseqüentemente, a espécie humana não fica de fora, pois tem se utilizado do rio não apenas como fonte de água, mas também em diversas outras situações, como local para depósito de lixo ou despejo de resíduos domésticos e de higiene.

A vida de um rio está relacionada ao fluxo d'água, e abriga diversidades de espécies que ali existem e coexistem formando um ecossistema. Tem-se aqui como fato o rio Jaguaribe, que é um rio totalmente urbano e o seu leito apresenta dois tipos bem distintos de relevo: um que sai do planalto e vai à busca do outro nos seus menores níveis de energia que se encontra na planície costeira, junto ao mar.

Normalmente o rio fica no fundo de uma bacia hidrográfica, lugar que recebe as águas oriundas de precipitações das áreas mais elevadas denominadas de cumeadas e que descem pelas vertentes até o curso. Nesse trajeto as águas vão erodindo a superfície e esculpindo o relevo, conforme demonstrado na figura abaixo:

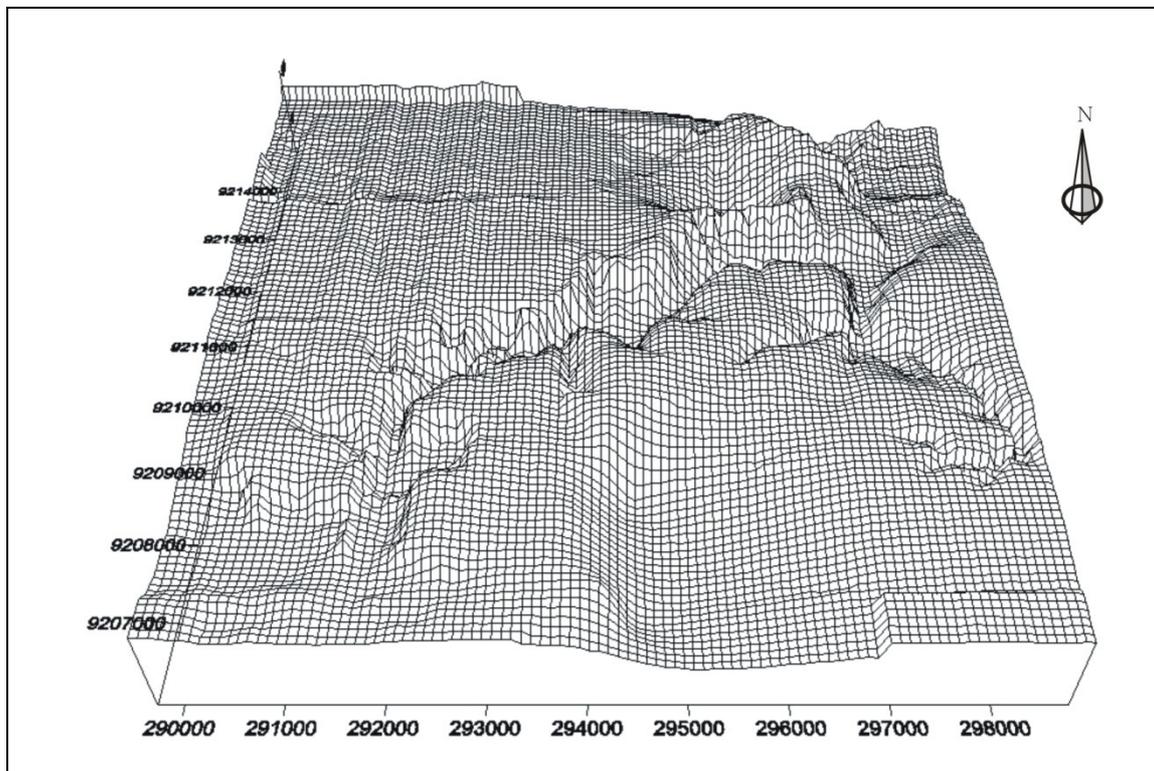


Figura 1- Modelo Numérico de Terreno referente ao rio Jaguaribe.

Quanto mais baixo for o curso, menor é a força da água, pois o relevo impõe pouca resistência diminuindo o trabalho erosivo do rio, criando desse modo os meandros. Essa situação geográfica é nítida no baixo rio Paraíba ou mesmo no rio Gramame.

O rio Jaguaribe tem um forte diferencial em relação aos demais rios da região, ele não tem meandros. Mesmo percorrendo a planície, as suas águas sempre buscam o contato com o mar, ora num ponto ora noutro.

Há forte banalização da sociedade pessoense em relação ao rio Jaguaribe, não se observando mais que esse rio já abasteceu por muito tempo parte da cidade com os seus poços lá na Mata do Buraquinho.

O rio Jaguaribe vem esculpindo o planalto e erodindo-se de forma vertical em busca do mar, rompendo assim a linha de falésia. A falésia corresponde ao trabalho erosivo provocado pelo avanço do mar em épocas pretéritas, porém o rio já teve sua foz nesse ponto (figura 2), haja vista que a planície costeira é o resultado do avanço do continente sobre o mar. Segundo literatura especializada, planícies costeiras como essas datam de aproximadamente de 3 a 5 mil anos.



Figura 2- Antiga foz do rio Jaguaribe

Na relação de força do rio e resistência do relevo, este vai sendo esculpido à medida que vai se aproximando do mar, assim sendo novas situações de força vão surgindo. Têm-se como exemplo as correntes litorâneas, que vão se impondo a partir dos sedimentos trazidos e depositados em forma de cordões arenosos e obrigando o rio mudar o rumo de seu curso.

O esforço do rio em relação ao desaguamento é grande, pois a força do mar e a deposição tornam-se cada vez mais presentes, como se pode ver na imagem anterior. A planície vai se alargando, ou seja, o continente vai ficando maior, porém no caso do rio Jaguaribe deu-se o confinamento entre a planície imposta pelo mar e a falésia.

O rio não morre! Apesar de diminuir bastante a sua força de trabalho ele continua descendo, espremido entre dois relevos, lentamente, pois a inclinação é muito pequena, conduzindo as águas para o desaguamento na foz.

Ao fim da falésia inativa, no conjunto João Agripino em cuja base se encontra o bairro São José e do outro lado do rio o bairro Manaíra, o rio segue seu caminho. Em 1931 o curso do rio sofre um forte golpe, sendo transposto para o rio Mandacaru. Nas palavras de José Américo de Almeida essa foi uma obra necessária, na tentativa de diminuir os focos de mosquitos de febre amarela, fato atribuído ao rio.

Nesse ponto geográfico inicia-se a restinga de Cabedelo com grande deposição de areia oriunda dos rios ao Sul e do grande estuário do rio Paraíba. O rio Jaguaribe agora é um rio

totalmente de planície cujos sedimentos o confinam de um lado pelo rio Paraíba, do outro o mar, que combinado aos recifes canalizou material sedimentar permitindo o crescimento da Ponta do Bessa.

O trabalho do rio em busca do desaguamento no mar tem sido intenso, haja vista que os vários “maceiós” que existem entre a Ponta do Bessa e a atual foz natural do rio são testemunhos de fozes abandonadas desse rio. Esses leitos abandonados é que foram, possivelmente, a causa das explosões de nuvens de insetos por época da tentativa de saneamento e essas situações não foram sanadas, pois o evento ocorre até hoje.

Como se pode ver, o rio corre naturalmente levando a areia para contribuir nas formações das deposições praieiras. Esse rio não deixa de se impor em relação ao rio Paraíba e ao mar, esculpindo novas saídas para o mar, abrigando o mangue entre Cabedelo e João Pessoa. Aí nesse lugar o rio estabilizou seu desaguamento e construiu sua foz em local que não há barreiras recifais.

O mangue são conjuntos de populações vivas que se abrigam em lugar cuja topografia lhe permite construir uma comunidade singular e cuja economia natural é auto-regulada a partir de oferta e procura que atendam o ótimo populacional. Essas comunidades crescem ou diminuem em função do ótimo territorial em relação ao suporte à sobrevivência.

A foz ficou estabilizada e o rio diminuiu seu trabalho em relação ao percurso na planície. Ledo engano, pois surge aí a ocupação humana, exercendo uma pressão sem precedentes que se espalhou sobre as vertentes da bacia hidrográfica e passou a fazer uso do rio de forma inadequada ao sistema natural, produtor do abastecimento do aquífero e contribuinte da formação das praias, fundamentalmente do mangue.

A partir da transposição do rio Jaguaribe para o rio Mandacaru inicia-se o seu redesenho. O rio Jaguaribe que era um rio principal, a partir de então se torna afluente, e o pior na questão do sistema natural é que o baixo rio Jaguaribe começa a fluir no sentido contrário, tornando-se afluente. Posteriormente foi corrigido por conta de denúncias de barramentos que haviam sido feitos no leito. Outras intervenções foram agressivas ao sistema ambiental, *e.g.*, a expansão do complexo empresarial Shopping Manaíra que, com suas edificações, aparentemente selou a relação do curso do rio, conotando que o baixo rio Jaguaribe passa a ser outro rio.

O baixo Jaguaribe, como outro rio cuja nascente fica embaixo da ponte na Avenida Flavio Ribeiro Coutinho será outro sistema que poderá apresentar problemas de saneamento maiores a que provocou a obra em 1931, pois será complementado com novas situações de geomorfologia e não se sabe quais serão os resultados nas próximas décadas. Essa nova cabeceira de rio, a um metro de altitude numa planície arenosa não terá forças para fluir. Assim sendo, vários pontos do curso já se apresentam como barramentos, gerando então vários empoçamentos de água ao longo do curso. E esse rio não flui mais, e as águas estão paradas e em processo de estagnação.



Figura 3 – baixo rio Jaguaribe sortido de poças d' água

Quando o curso do baixo Jaguaribe se aproxima da área topográfica que contém o mangue, ele está fortemente ocupado por edificações residenciais à sua volta. O mangue está confinado por edificações em três lados e na foz do rio, esse já não rompe mais os cordões litorâneos impostos pelo mar, o que determina a agonia, tanto do mangue cuja tendência é regredir sempre, como dos moradores, pois quando há elevada precipitação o mangue aumenta sua área alagada devido ao volume d' água. Confinado nas laterais por edificações bem estruturadas o rio tende a encher na cabeceira, nas proximidades do Manaíra Shopping, onde há edificações não muito bem estruturadas, estabelecidas por comunidades de baixa renda. Nesse caso, quando o rio enche por conta das chuvas, os moradores das comunidades de baixa renda se reúnem e em mutirão vão abrir o canal que permite o escoamento das águas confinadas para o mar.

Essa foz ora confinada não tem mais como enfrentar o mar, pois este vai impondo sedimentação. A ocupação das áreas de Preservação Permanente, referentes ao rio Jaguaribe e ao baixo Jaguaribe, hoje outro rio, denominado de rio Morto, impôs uma pressão enorme sobre o antigo curso natural do rio. Ao baixo Jaguaribe restam apenas poças d' água parada e bastante contaminada o que conota que esse é um rio marcado para morrer. Juntamente com o rio morrerá também o manguezal cujo eixo possui mais de 1 km de extensão e com meio quilômetro de largura, ou seja, um ecossistema com elevado potencial produtivo de suporte à vida.

Infelizmente, se assim concretizar, as gerações futuras possivelmente não terão acesso a essa foz. Foz essa que, embora poucos saibam se tornou histórica pelo fato de ter sido dela que o Conde Maurício de Nassau se despediu do Brasil em 1644, quando de seu retorno à Europa. Com a morte do baixo rio Jaguaribe, uma geografia se transfigura, a história perde um pouco de sua memória ainda real e a ecologia desse ambiente se esvai.